



Galvêas em Tóquio, tentando um novo empréstimo.

Durante encontro que manteve ontem em Tóquio com diretores de 25 bancos japoneses, o ministro Ernane Galvêas, da Fazenda, agradeceu o apoio da comunidade financeira internacional para o fechamento recente do programa de refinanciamento da dívida brasileira e renovou o pedido de novos empréstimos.

Galvêas, que também fez uma visita de cortesia ao chanceler Shintaro Abe e ao ministro da Fazenda, Noboru Takeshita, assegurou aos banqueiros que "da parte do Brasil, estamos cumprindo o programa de ajuste dos setores interno e externo da economia, que acertamos com o FMI, embora a inflação continue elevada a despeito dos esforços para contê-la. Ele ainda garantiu que, em todas as áreas, do lado real da economia "estamos cumprindo e até superando as metas a que nos propusemos".

Mas apesar dessas garantias, os banqueiros japoneses ainda estão relutantes em conceder novos empréstimos ao Brasil, que ainda deve a eles US\$ 7,5 bilhões. Além disso, outro motivo de alarme para os japoneses é a demora do governo brasileiro na aplicação de medidas rigorosas, como a redução do índice de inflação exigido pelo Fundo Monetário Internacional.

O ministro, na conversa com os banqueiros, lembrou que, pelo compromisso com o FMI, o País deveria reduzir o déficit do setor público de um nível de 6% do PIB em 82 para 2,7% em 83 e, na verdade, chegou ao final do ano passado com um déficit situado em 2,5%. Na área externa, o governo brasileiro — lembrou Galvêas — havia proposto reduzir o déficit em conta corrente do nível de quase US\$ 15 bilhões em 82 para US\$ 6,5 bilhões em 83, mas conseguiu baixar tal déficit ainda mais, fechando 83 ao nível de US\$ 6,3 bilhões.

No encontro com os banqueiros, Galvêas lembrou o esforço brasileiro em reduzir sua dependência externa no setor energético, adiantando que a meta de produzir 500 mil barris diários de petróleo ao final deste ano será antecipada para julho/agosto, o que permitirá atender a mais de 50% da necessidade total do País.

Aço

Em outro encontro, com dirigentes da indústria siderúrgica japonesa, o ministro da Fazenda queixou-se das dificuldades que o País está encontrando para colocar no mercado internacional os excedentes de sua produção de aço. Mostrou que o Brasil investiu maciçamente para construir um dos mais modernos parques siderúrgicos do mundo e que, depois de ser, durante muitos anos, grande importador de equipamentos e também de aço, agora começa a participar mais ativamente do mercado internacional do setor, inclusive para viabilizar financeiramente os seus projetos, mas se vê confrontado por restrições que não são razoáveis.

Galvêas destacou três pontos fundamentais em que poderia ser incrementada a cooperação entre Brasil e Japão no setor siderúrgico: na área de matérias-primas, visando a um mais eficaz aproveitamento do minério de ferro semi-acabado, tanto de produtos siderúrgicos como de metais não-ferrosos; cooperação técnica e formação de joint-ventures; coordenação de mercados.

Trading

O ministro também se avistou com representantes das principais trading-companies japonesas, acompanhado de empresários brasileiros e do diretor da Cacex, Carlos Viacava, para debater o incremento do comércio entre os dois países. Na oportunidade, o diretor da Cacex anunciou a possibilidade de as trading-companies japonesas obterem registro no Brasil, de modo a poderem ampliar suas operações. Elas poderiam, assim, obter registro na Cacex, embora sem a amplitude das tradings brasileiras. Ou seja, não obteriam incentivos creditícios, porém lhes seriam dados os mesmos incentivos fiscais das tradings brasileiras.

Amanhã, Galvêas e comitiva seguem para Pequim, com o objetivo de vender equipamentos brasileiros, inclusive armamentos, para os chineses. As conversações serão mantidas com o Ministério das Relações Econômicas e Comércio Exterior.